

Entre água e fogo : Vivências de cosmologias africanas em Candomblé

Ana Paula da Silva Fernandes*

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o Candomblé, ponderando-o como reelaboração de cosmologias africanas, insurgidas no Brasil durante o processo de diáspora entre os séculos XVI e XIX. Em universo de cosmologias africanas não há disjunções entre as vivências afetivas, sociais, emocionais e tudo o mais que aporte o corpo e alma, tudo esta interligado. Partindo desta concepção, intentaremos problematizar sobre quais aspectos estas culturas foram lidas como religião, Candomblé, em diáspora afro-brasileira.

Palavras- Chaves: Cosmologias; Diáspora; Candomblé; Religião.

Nascida em família afro-descendente, as cosmologias de matrizes africanas sempre estiveram presentes em minha vida, e permearam-se na construção de minhas subjetividades. Compreendendo como cosmologias de matrizes africanas, nos dizeres de Amadou Hampâté Bâ, mestre da tradição oral e especialista nos estudos das sociedades negro-africanas das savanas, o entendimento de mundo dos homens, mulheres e o universo por eles vivenciados, sentidos e experienciados (Hampatê Bâ, 2011). Nestes universos, tudo se interliga, religa e se combina, "sem disjunções cultura/natureza, corpo/comunidade" (ANTONACCI, 2013:1) uma vez que, "em cosmologia de povos africanos todo universo é povoado por seres vivos" (ibid). A vida não é dividida em parte, é concebida em sua totalidade. Vida social, espiritual, afetiva, material estão integradas e estes homens e mulheres a vivenciam como um todo.

Em cosmologias de matrizes tradicionais africanas, a vida é baseada pela visão sagrada que se tem do universo o qual se pertence. É pelo corpo que sente-se o sagrado e se interage com o mundo, como observa o poeta, dramaturgo, escritor e professor nigeriano Esiaba Irobi "o corpo físico incorpora, num certo nível, um hábito memorial por meio do qual certas atividades funcionais, tais como subir, esculpir, prostrar-se, manusear, gesticular e

*Mestranda do Programa de Pós Graduação em História da PUC-SP. O presente trabalho esta sendo desenvolvido com o apoio da Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior -CAPES.

andar são inventadas e praticadas”. (IROBI, 2013: 276). O corpo torna-se sagrado, porque carrega a cultura, as memórias, reflexo do mundo humano, elo entre os ancestrais e os vivos, com a oralidade como suporte para estas tradições.

A fala, as palavras também tem um papel importante. São tidas como um dom dado por Deus aos homens e mulheres, por isto é necessário ter prudência ao usá-las. Grande agente mágico dentro das cosmologias de matrizes africanas, sua pronúncia ativa as folhas, as águas, os minerais, fogos e os demais elementos da natureza, tem papel divinizador e de cura, sendo o meio de se comunicar com os ancestrais, pois neste universo "tudo é fala que ganhou corpo e forma". (HAMPATÉ BÂ, 2011:185)

Estas cosmologias, chegaram nas Américas por meio do deslocamento forçado de africanos escravizados compreendido como diáspora africana. Este processo, desterrou-os de várias localidades geográficas, sobretudo das macro-regiões denominadas de África do Oeste e África Central (Heywood, 2008). Homens e mulheres, foram negociados no circuito Atlântico, e apesar de considerados como objetos e mercadoria, foram capazes de reter e ressignificar suas cosmologias. Mesmo transpostos para margens opostas do Atlântico como escravos, rearranjaram-nas, reinventando-as nas Américas para assim recompor memórias que os ligassem até as suas vivências nas Áfricas

" Processo lento, através dos séculos em África, no Brasil este se acelera, dá as condições de inserção vivenciadas pelo negro que precisa reconstruir seu universo fragmentado junto a parceiro que lhe são estranhos, mas com os quais se identificam nas tragédias e nos pressupostos básicos de ideologia humanista negro africana ". (SERRANO&WALDMAN, 2008, p. 143)

No ano de 2011, em Janeiro, fui iniciada¹ no Candomblé. E ao iniciar-me, vivenciei-lhe por meio de meu contato contínuo, como o estar no mundo africano que fora recriado no processo de diáspora. A iniciação no Candomblé, levou-me a processo de subjetivação que desdobraram-se em meu tema de pesquisa, ponderação do Candomblé enquanto ressignificações de cosmologias africanas, lidas em diáspora brasileira como religiosidade.

¹ Em Candomblé, para se adentrar, ter maior conhecimento com seus preceitos e cosmologias, é necessário que o adepto, passe por rituais de iniciação. Costumeiramente, estes ritos duram entre 21 dias. Após iniciado, o adepto do Candomblé, passa a viver de forma dialógica as cosmologias de matrizes africanas.

Recriações de modos de viver de africanos escravizados das regiões do Congo, Angola, Daomé, atual Benin e Nigéria (MUNANGA, 2009), *translocadas* da África (IROBI, 201:280) para o Brasil, durante os séculos XVI e XIX, período do escravismo brasileiro (LUNA & KLEIN, 2010), foram lidas em contornos de religiosidade. Em que medida estas cosmologias, visões de mundo foram interpretadas como religiosidades em diáspora africana no Brasil? Seriam estas cosmologias compreendidas como religiosidades devido a um prisma animista (ANTONACCI, 2013) de culturas africanas em diáspora lidas com olhares eurocêntrico/racionalista (SHOHAT&STAM, 2006)

As cosmologias de povos das regiões da África-Central e da África do Oeste em diáspora, denominadas como Candomblé, foram rearranjadas em espaços físicos terreiros, organizados de formas comunitária, "O terreiro de Candomblé, enquanto organização, representa a particularização de uma perspectiva comunitária" (Sodré, J; 2006:134) de africanos escravizados onde sobre espaços de terras, cuidavam de animais; cozinhavam; tomavam banhos de folhas; contavam histórias sobre seus ancestrais e entravam em contatos com eles por meio da manipulação do fogo, da água, terra e ar; dançavam e tocavam tambores ao anoitecer (Salloma, 2002), todas estas práticas, inter-relações de suas vivências africanas em diáspora, no Brasil foram compreendidas como religiões, Candomblé, do sistema colonial, até os dias de hoje.

Suas vivências ao serem lidas como religião foram perseguidas e coagidas, vistas como práticas inferiores "A repressão estava ligada não só ao tipo de prática ali exercida, (...) era relacionada a forças diabólicas" (SOUZA, 2007:115). Pode-se evidenciar que a leitura de suas práticas, exercidas nas comunidades terreiros como diabólicas, seria dialógica a leitura de suas cosmologias como animistas? Compreendendo animismo como conceito usado pelo antropólogo Edward Tylor (1871) tomado para assinalar visões de mundo não europeias que aferiam alma (ânima), força a seres vivos e elementos da natureza (APUD, ANTONACCI, 2014:10). Como a reelaboração de cosmologias africanas em espaço físico de comunidades terreiros, foram apresentadas em diáspora no Brasil como religião? Problemáticas essenciais quando se propõe a pautar o Candomblé como "veículo possível de sobrevivência, referência e resistência de uma cultura (...) produzida pela presença escrava no Brasil" (SODRÉ, J; 2006:131) submergidas em contorno de religiosidades.

O filósofo queniano Jonh Mbiti, em "Religiões Africanas e Filosofia", renúncia as concepções que salientam como religiosas as culturas tradicionais africanas em diáspora (MBITI, 1990). O autor rejeita estas percepções, advertindo que o conceito de religião é nulo em muitas culturas africanas "inexiste um vocábulo específico para "religião". (Apud, RISÉRIO, 2007:162), ressaltando que "Religião na África é uma cosmologia. Uma visão de mundo integrada, onde os ancestrais e os vivos estariam conectados; definindo uma filosofia" (AZEVEDO, 2013:9). Mbiti, afere que as cosmologias africanas são de cunho "extremamente antropocêntrica" (MBITI,1990), são experienciadas pelo corpo.

Em diálogo transatlântico com o queniano Jonh Mbiti, sobre concepções de cosmologias lidas como religiosidade de matrizes africanas, Makota² Valdina Pinto, baiana, candomblecista, escreve *Meu Caminhar, Meu Viver* (PINTO, 2013). Livro sobre suas memórias e trajetórias no Candomblé, onde a autora pontua como o Candomblé fora apresentado pela academia, em compreensões que não apreendem como visões de mundo: "Muitos desses costumes, dessas praticas geralmente eram apresentadas, e ainda são, por muitos pesquisadores, como magia, superstições, folclore, praticas exóticas e, muito raramente, como praticas sob a ótica da visão de mundo" (PINTO, 2013:157)

Problematizar o Candomblé enquanto cosmologia de povos africanos em diáspora, torna-se requerido pelos praticantes de Candomblé, trazido a voz por Makota Valdina que há 40 anos é candomblecista, e alerta para novas abordagem do Candomblé em pesquisas :

"o que considero muito importante para os pesquisadores que estão fazendo suas pesquisas aqui e ali, é que quando forem pesquisar um povo, a sua cultura, procurem saber, aprender qual é a visão de mundo que esse povo tem". (PINTO, 2013:158)

Nesta perspectiva pode-se abranger o Candomblé, como uma recriação estético africana de culturas em diáspora, reinventadas em comunidades terreiros com o "o *pretexto religioso* (ora visto com maus olhos, ora reprimido, ora ridicularizado, mas sempre *entendido* com pratica de natureza religiosa pela ideologia dominante" (SODRÉ,M; 2005:91). Sobre estes espaços físicos, os adeptos do Candomblé rearranjaram suas vivências de forma á

² Nome dado a mulheres em Candomblés que fazem referências a cosmologias das regiões de Angola e Congo. As makotas , constituem-se como assessoras das lideranças das comunidades terreiros.

rememorar as cosmologias originária a qual pertenciam, tradições africanas. As comunidades terreiros que mesmo reprimidas, do sistema colonial "até meados do século XX" (SOUZA, 2007:115) insurgiram-se as repressões e " instalaram-se em espaços territoriais urbanos" (SODRÉ,M; 2005:91).

As comunidades terreiros, são onde o "povo de axé" (SOUZA JUNIOR, 2011) entram em contato com as cosmologias do Candomblé. Mesmo inseridas em espaços territoriais urbanos, seus adeptos devem coadunar-se a suas vivências, a experienciando dentro e fora da comunidade a qual pertence. Mas que força explicativa poderá ter uma cosmologia dessa ordem no interior de uma sociedade, como a brasileira, regida em seus dispositivos básicos de poder de Estado pela moderna ideologia ocidental ? (SODRÉ,M; 2005:92). Por que recorrer a cosmologias africanas em diáspora, o Candomblé ? Comumente as pessoas aderem ao Candomblé após passarem por diversas religiões. Vivenciá-lo é entrar em contato intenso com o universo de africanidades, dados pela água, fogo, terra, animais e tudo o mais que for vivo, pois neste universo tudo esta conectado em "interações cultura/natureza sob a regência de visões de mundo" (ANTONACCI, 2014:5). Por que buscar o Candomblé como religião ? Uma pessoa ao inserir-se no Candomblé, terá que vivenciar seus cotidianos e subjetividades em rearranjos de cosmologias africanas em diáspora, manifestos por uso de elementos da natureza, formas de comer, resguardo em alguns dias da semana, mudanças de posturas corporais. Como estas cosmologias, são sentidas e experienciadas pela "gente de Candomblé" ? Questionamentos vitais quando se propõe a problematizar o Candomblé não como religião, mas sim como vivências de cosmologias africanas, rememorizadas em diáspora pelo corpo, compreendendo como são sentidas pelos candomblecistas.

Pensar o Candomblé e suas relações com heranças africanas, conexões atlânticas que desdobraram-se no Brasil, compreendendo-o como reelaborações de cosmologias africanas, interpretadas em diáspora como religiosidades, ponderando como são sentidas e experienciadas estas cosmologias pela "gente de Candomblé" (SOUZA JUNIOR, 2011), faz-se importante para os estudos sobre Áfricas e sua diáspora, pois na pesquisa sugiro uma nova abordagem do Candomblé, em uma perspectiva dialógica com as culturas africanas, onde tudo se interage e conecta-se, como ressalta-nos Hampaté Bá :

"uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a "cultura" africana não é portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela

envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo - um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem". (HAMPATÉ BÂ, 2011:169)

A travessia forçada Atlântica de africanos escravizados, esfacelou e mutilou seus corpos físicos e espirituais. Embora tenham sido agredidos subjetivamente, emocionalmente, em seus corpos trouxeram consigo suas cosmologias perpetuadas em diáspora. O sofrimento causado pela suas desterritorializações e a continuidade de suas vidas em diáspora, Paul Gilroy, estudioso das culturas em diáspora, em "Atlântico Negro", denomina de sublime escravo (GILROY, 2001) . O autor por meio deste conceito, salienta como os africanos escravizados e seus descendentes, reconstituíram suas culturas herdadas da África em margem oposta ao Atlântico.

Ao serem transpostos para margens opostas do Atlântico, africanos escravizados reelaboraram suas culturas, cosmologias em terras brasileiras em diálogo com suas vivências em África, o que Stuart Hall denominou de "re-identificações simbólicas com as culturas africanas" (HAAL, 2006:27). As reelaboraões de suas cosmologias, deram-se por meio de suas memórias, ancoradas a partir de seus corpos (ANTONACCI, 2013). Possui o corpo uma memória ? (IROBI,2012:273), questionamento basilar quando se apreende cosmologias africanas em diáspora no Brasil, uma vez que, destituídos de bens materiais, contanto apenas com seus corpos, válidos como mão de obra escrava no sistema colonial brasileiro, africanos escravizados rearranjaram suas visões de mundo.

Cosmologias africanas em diáspora, ao se reelaborarem, reinventarem-se além mar, estabeleceram-se no que Kobena Mercer, estudioso de culturas africanas em diásporas, evidência como estética diaspórica (MERCER, 1994). O autor salienta que as tradições africanas na diáspora, para permanecerem, justapuseram-se, negociaram com as culturas dominantes produzindo uma cultura sincrética

"Numa gama inteira de formas culturais, há uma poderosa dinâmica sincrética que se apropria criticamente de elementos dos códigos mestres das culturas dominantes (...), desarticulando certos signos e rearticulando de outra forma seu significado simbólico". (MERCER, 1994:64)

Neste processo de apreensões culturais, entre colonizadores e colonizados, as culturas sincréticas foram produzidas por meio de tensões e conflitos, não foram dadas como naturais como ressalta Stuart Hall :

"Não se quer sugerir aqui que, numa formação sincrética, os elementos diferentes estabelecem uma relação de igualdade uns com os outros. Estes são sempre inscritos diferentemente pelas relações de poder-sobretudo as relações de dependência e subordinação sustentadas pelo próprio colonialismo" (HALL, 2006: 34).

Em aspecto de estética diaspórica, pode-se compreender o Candomblé. Fruto de negociações entre o sistema colonial brasileiro e suas visões de mundo fundamentadas por percepções européia/racionalista (SHOHAT&STAM, 2006) de mundividências, convivendo de forma híbrida com tradições africanas, dadas por meio da ancestralidade, oralidade e corporalidades. Etimologicamente a palavra Candomblé, origina-se dos povos bantos (SOUZA, 2007:115), assim denominados em diáspora no Brasil africanos escravizados das regiões da África-Central. Mesmo sendo de origem banta, a palavra Candomblé também fora usada para abrigar povos iorubas e daomeanos, africanos escravizados das regiões da África do Oeste. (IBID).

Para responder os escopo da pesquisa, além de depoimentos orais e referências bibliográficas, recorreremos como fonte para responder as problemáticas a "*tradição viva*", conceito de Amadou Hampaté Bâ (HAMPATÉ BÂ, 2011), no qual o autor pontua que as tradições africanas estão escritas no corpo, nas falas, nos modos de andar, em toda as mundividências das tradicionais culturas africanas, a qual o Candomblé como reelaboração destas visões de mundo em diáspora, torna-se herdeiro. Compreenderemos como "*tradição viva*" os costumes, gestuais, falas, formas de comer, de dormir, cantigas, formas de se vestir, manifestas no corpo dos candomblecistas. Utilizar a tradição viva como fonte para a pesquisa, faz-se necessário, pois ao propormos estudarmos as cosmologias africanas em diáspora anunciadas em uma comunidade terreiro, o corpo transcende-se como fonte, uma vez que o Candomblé são rearranjos de maneiras africanas de viver, alicerçadas de culturas orais e nestas, as memórias encontram-se no corpo.

Analisar a reconstituição de culturas africanas sobre o nome de Candomblé em diáspora, é o que a pesquisa objetiva. Cheguei o tema por meio de minha história pessoal.

Como historiadora acredito que a pesquisa é relevante, pois " o historiador deve redescobrir sua própria cultura" (VANSINA, 2011:162).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo : EDUC, 2013.

_____. **África/Brasil: corpos, tempos e histórias silenciadas**. São Paulo, 2009

_____. **Animista/Fetichistas? Dizem eles**. São Paulo, 2013.

AZEVEDO, Amailton Magno. **Músicas, Artes e Religiosidades: resistência cultural**. São Paulo, 2013.

_____. **África, Diáspora e o Mundo Atlântico na modernidade: perspectivas historiográficas**. São Paulo, 2010.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**; - tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediação culturais**; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

HAMPATÊ BA, Amadou. 1900-1991. – **Amkoullel, o menino fula**; - tradução Xina Smith de Vasconcellos. – São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

_____. " **A tradição viva**", in: **KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África**, São Paulo: Ática/UNESCO, 2011.

HEYWOOD, M. Linda – **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

História Geral da África, I : Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph KI-ZERBO. - 2.ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2011.

LUNA, Francisco Vidal e KLEIN, Herbert. **Escravidão no Brasil**. São Paulo : EDUSP, 2010.

MERCER, Kobena. **Diaspora Culture and the Dialogic Imagination. Welcome to the Jungle : new positions in black cultural studies**. London, 1994.

MBITI, Jonh. **Religiões africanas e Filosofia**. Série escritores africanos. Heinemann, 1990.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo : histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo : Global, 2009.

Pinto, Valdina Makota. **Meu caminhar, meu viver**. Salvador : Sepromi, 2013

Projeto História 24 e 44: **revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. Nº0(1981)- São Paulo: EDUC, 1981-Periodicidade: anual até 1984. Semestral a partir de 1985.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo : Editora 34, 2007.

SERRANO, Carlos e WALDMAN, Maurício. **Memória D`África: a temática africana em sala de aula**. 2.ed. São Paulo : Cortez, 2008.

SHOAT, Ella & STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. São Paulo : Cosac Naify, 2006

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro : DP&A, 2005. 3.ed.

SODRÉ, Jaime. **A influência da religião afro brasileira na obra escultórica do Mestre Didi**. Salvador : EDUFBA, 2006.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo : Ática, 2007.

SOUZA JUNIOR, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão: temas afro-brasileiras e questões contemporâneas**. Salvador : EDUFBA, 2011.